

Entre caravelas e pandemias: a potência da pedagogia ritual e das narrativas tradicionais no mundo desencantado da necropolítica

Bruno Marcondes Franques¹

Ananda Machado²

Jesiel Santos dos Santos³

Resumo: As reflexões apresentadas neste artigo propõem um olhar sobre o ritual, como método pedagógico e narrativa literária, empreendido por povos indígenas em perspectivas bastante complexas, entre elas, como práticas que auxiliam esses povos a conviverem com as situações de violência a que são submetidos desde o primeiro contato. E em um mundo dominado pela lógica da necropolítica, onde a violência e a morte fazem parte de estratégias governamentais, não são mais apenas os “de fora” que sofrem as consequências. A angústia e a depressão que acometem as populações, de modo bastante generalizado, são canalizadas para o consumo e para a alienação das causas estruturais do sofrimento em nossa civilização em crise. Podemos aprender, com nossos parentes, como lidar com situações traumáticas sem nos esquivar de suas causas e assim, nos envolver para solucionar coletivamente os grandes desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Narrativas literárias. Educação. Povos indígenas. Pedagogia ritual.

-
- 1 Doutorando em Educação na Amazônia (Educanorte), Polo Boa Vista, com bolsa da CAPES. Mestre em “Educação, comunidade e movimentos sociais” pela UFSCar. Graduado em Ciências Sociais pela USP.
 - 2 Professora nos cursos: doutorado Educação na Amazônia/ Polo Boa Vista, Gestão Territorial Indígena/Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, Mestrado em Letras e Mestrado em Ensino de História.
 - 3 Indígena da etnia Sateré-Mawé, da família Clânica Wasa’i (dos pajés). Mestrando em Antropologia Social na UFAM, graduado em Pedagogia Intercultural Indígena na UEA. Foi presidente do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena do Amazonas CEEI-AMÉ (2020-2022) e coordena Estudos e Registros na Secretaria de Direitos Ambientais e Territoriais Indígenas, do Ministério dos Povos Indígenas.

Palavras matam como balas

Da contação de histórias à biblioterapia e à filosofia clínica, as práticas de mediação de leitura na literatura ocidental têm se aprimorado para desempenhar um importante papel no acolhimento de pessoas que tenham passado por traumas recentes. Infelizmente, as situações traumáticas têm sido cada vez mais comuns em nossa civilização à beira do colapso, comandada pela lógica da necropolítica. Consultórios psiquiátricos e psicológicos, práticas terapêuticas diversas e medicamentos de todos os tipos têm sido amplamente utilizados, complementando os efeitos da *hegemonia cultural* (GRAMSCI, 2012), que articula o papel apaziguador das igrejas em geral, a alienação da exploração do trabalho intensivo e o estímulo entorpecedor do consumo exacerbado. Nossa abordagem propõe uma concepção de literatura em seu sentido mais amplo, como uma prática social constituída de elementos linguísticos e discursivos (CANDIDO, 2011), que ampliam e subvertem a estrutura da linguagem (ECO, 1971; BARTHES, 1978), presentes em todas as culturas. Assim, muitos rituais, praticados por povos e comunidades tradicionais, podem ser compreendidos como potentes práticas pedagógicas mediadas por narrativas literárias. Indicaremos nas reflexões aqui apresentadas algumas aproximações e distanciamentos entre tais rituais - entendidos como complexas e intensas práticas terapêuticas coletivas - e diversas ferramentas e metodologias que a sociedade ocidental tem utilizado, abusado e desenvolvido para lidar com os traumas cada vez mais presentes entre a população. Destacaremos que as práticas terapêuticas tanto das culturas dos povos tradicionais quanto da sociedade ocidental estão diretamente vinculadas às suas visões de mundo, modos de vida e principais epistemologias que regem e direcionam as vidas individuais, coletivas e a interação com o ambiente. Chamaremos a atenção do leitor para o modo como as práticas rituais tendem a lidar com as situações traumáticas

sem minimizar as causas do sofrimento, estimulando reflexões críticas e engajamento político, enquanto na sociedade ocidental a tendência é justamente o contrário, a ocultação da causa da dor e a busca por soluções paliativas individuais que amenizem os sintomas, independentemente de serem sociais, políticas ou estruturais as origens do trauma a ser superado.

Seguindo tal raciocínio, antes de entrarmos no debate acerca das diferentes soluções sociais de culturas diversas, com destaque para mediação de leitura, narrativas, literatura e pedagogia do ritual para o enfrentamento do sofrimento humano, precisamos passar pelas causas de ao menos uma parte das dolorosas situações geradoras de traumas, que, a nosso entender, tem origem social, política e histórica. Para isso, utilizamos o conceito de necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe, identifica como a estrutura de governança dos Estados Modernos incorporaram a opressão, a exclusão e a morte em seu tabuleiro estratégico (MBEMBE, 2018).

Quando refletimos sobre a lógica por trás das decisões aparentemente *sui generis* dos que governaram o Brasil durante a Pandemia ocasionada pelo Covid-19, somos obrigados a admitir que foram coerentes com uma prática presente em nossa sociedade ocidental desde suas origens: a necropolítica. Poderíamos aqui esmiuçar o impressionante número de infectados, adoecidos, sequelados e mortos⁴ em decorrência das infecções, entrevistar familiares e contribuir para expor a crueldade inerente às atitudes governamentais - o que deve ser feito até que os culpados sejam punidos pelos seus crimes. No entanto, ficaremos com o que o conceito de necropolítica justamente aponta: que estamos diante de um modelo institucionalizado de conduta, em que a exclusão do acesso a direitos básicos e a morte de parte da população que pertence a gestão pública. Talvez, a Pandemia tenha nos deixado como legado, além de seu rastro

4 O Ministério da Saúde, em 28 de março de 2023, o Brasil atingiu 700 mil mortes causadas pelo Covid-19, desde o início da pandemia (OLIVEIRA, 2023).

destrutivo, alguma luz para enxergarmos melhor – e ouvirmos com maior sensibilidade – o modelo político que é inerente à nossa sociedade. E reconhecer que, porque fazemos parte, temos a obrigação moral de nos posicionar e nos engajar pela transformação, caso contrário, estaremos compactuando com suas iniquidades.

Desde sua origem greco-romana/judaico-cristã, a conquista, a dominação e a destruição do outro sempre estiveram presentes em nossa sociedade. Na história da humanidade, algumas civilizações foram se transformando em poderosos impérios, como os Egípcios, Babilônicos, Hunos, Zulus, Astecas, Incas e Mongóis. Contudo, foi o Império Romano que abriu caminho para a expansão colonialista europeia que, após mais de quatro séculos de expansão, escravizando e exterminando diversos povos e culturas, acaba por ser fragilizado por duas guerras mundiais e, então, dominado pelo poderio militar-corporativista imperial estadunidense, que conseguiu expandir ainda mais o poder hegemônico da sociedade capitalista ocidental, fincando suas garras por todo o mundo globalizado (BRAND; WISSEN, 2021, p. 17-18).

Como nos aponta Achille Mbembe (2018), com base nas obras de Hannah Arendt (1989) e Michel Foucault (1999), dois períodos são exemplares para entendermos a morte como estratégia política: a colonização e o nazismo. O primeiro porque tratava o outro “de fora”, ou seja o sequestrado e escravizado ou o originário do território conquistado - como algo exterior ao conceito de ser humano. O segundo por tratar da mesma forma o outro “de dentro” da própria sociedade. O conceito de racismo, necessário para que uma parte da população seja concebida como algo diferente, passível de ser tratado como outro, é, então, destacado por Mbembe como imprescindível para normatizar e naturalizar a violência, ao extrair a humanidade de povos e segmentos sociais, liberando, e até recomendando, que recebam tratamento cruel e desumano.

Ora, se essa legitimação da violência sem medida e a banalização

de seu significado se dão pela difusão de argumentações ficcionais, como Mbembe destaca, “[...] o terror colonial se entrelaça constantemente com um imaginário colonialista, caracterizado por terras selvagens, morte e ficções que criam o efeito de verdade” (MBEMBE, 2018, p. 36), estamos diante de uma disputa de narrativas. Esse é um campo de batalha que a literatura pode atuar com dedicação e afincos. De um lado, transitando pela superestrutura social, a fim de deslegitimar tal barbaridade, oferecendo outras narrativas, perspectivas, cosmologias e visões de mundo, e de outro, mediando a superação de situações traumáticas e depressivas em que estão imersas as pessoas que sofrem as consequências diretas da materialização dessas ideias mortais.

Trazendo o debate para a contemporaneidade, e a relação entre o mundo das ideias e a realidade direta para um nível mais imediato, remetemos ao provocativo título desta primeira sessão de nosso artigo: “palavras matam como balas”. A frase sintetiza a fala do ex-assessor especial da Organização das Nações Unidas (ONU) para a prevenção do genocídio, Adama Dieng⁵, que observa, em sua reflexão, como a extrema direita e o fascismo surgem a partir da disseminação de discursos de ódio.

No mundo hoje globalizado pela sociedade ocidental, podemos identificar que as duas situações históricas destacadas por Mbembe seguem concomitantes. A política, agora regida de maneira ainda mais explicitamente privada pelo imenso poder das grandes corporações, estrutura suas ações, incorporando a lógica da exclusão e morte como prática estratégica, fria e perversa. Ela recai sobre parcelas significativas das populações constitutivas da própria sociedade e sobre outras nações e povos, dentro e fora das fronteiras nacionais, inclusive os que sobreviveram às invasões coloniais e seguem lutando pelo direito de existir.

5 Adama Dieng é ex-assessor especial da ONU para a Prevenção do Genocídio e ex-membro do conselho do Instituto Internacional para a Democracia e Assistência Eleitoral e ex-secretário do Tribunal Penal Internacional para Ruanda (wikipedia). “Palavras matam como balas. E é por isso que nós precisamos fazer todos os esforços para investir em educação, na juventude, para que a próxima geração entenda a importância de se viver em paz.” (PALAVRAS, 2022).

Para exemplificar a afirmação sobre como a necropolítica hoje se manifesta internamente em nossa sociedade contra seus próprios cidadãos, destacamos, a seguir, três situações que ficaram em evidência durante a última administração do governo brasileiro (2018-2022). Na primeira, abordam-se as declarações do indivíduo que ocupava a presidência sobre a mortalidade ocasionada pelo vírus da Covid-19. Na segunda situação, destacamos a violência no campo, que extermina principalmente os povos indígenas. Na terceira, a volta do Brasil ao Mapa da Fome.

No final de abril de 2020, o então presidente Jair Bolsonaro, respondendo a um jornalista que pediu que comentasse sobre o recorde diário e crescente de mortes pelo vírus, disse diante das câmeras: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (G1, 2020). Longe de ser um caso isolado, tal pronunciamento público reflete inúmeras outras considerações perversas, truculentas e explícitas acerca de seu desprezo pela vida, tais como: “Não sou cozeiro”, “vamos todos morrer um dia” (RELEMBRE, 2020), entre muitas outras. Ora, se levamos em consideração que as mortes acometeram, principalmente, as populações mais vulneráveis, justamente aquelas que são menos valorizadas (para não falar perseguidas, oprimidas, assassinadas pelo Estado e que têm frequentemente seus direitos alienados), como moradores das periferias, pessoas em situação de rua, povos indígenas e comunidades tradicionais; ou as que oneram o Estado com grandes despesas, como a população carcerária e os idosos, estamos diante de um cenário que aponta claramente para uma gestão baseada na necropolítica, em que deixar que o vírus siga seu caminho de morte é parte da estratégia para diminuição e controle das populações indesejadas.

Por outro lado, sobre a violência que segue dizimando os povos originários, destacamos o lançamento mais recente de *Cadernos Conflitos no Campo* (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 2023), com dados e estatísticas muitas vezes invisibilizados ou até modificados pelos números

oficiais. A publicação anual da Comissão Pastoral da Terra, que monitora os conflitos do campo no Brasil há mais de vinte anos, destaca que 2022 foi o ano mais violento desde o início do século. Dário Kopenawa Yanomami, presente no lançamento da publicação em Roraima, indica que: “esse livro é o sangue dos indígenas. Nosso sangue está na escrita agora”.⁶

As evidências são muitas e estão por toda parte. Em 2020, as ações policiais no Brasil assassinaram mais de 17 pessoas por dia (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020). A fome no país atingiu mais de 33 milhões de pessoas em 2022 e apenas quatro entre dez famílias conseguem acesso à alimentação. Em plena crise econômica e durante a grave pandemia que dificultava o acesso aos alimentos, os programas de combate à fome foram desmontados e descontinuados. O preço dos alimentos subia vertiginosamente enquanto o setor dos supermercados batia recorde de lucros, ficando em segundo lugar entre os que mais lucraram no período, atrás apenas do setor energético (OXFAM, 2022).

A violência direcionada aos povos indígenas e à população afrodescendente segue ininterrupta desde a época da expansão marítima do império Europeu. Hoje, além desses povos historicamente perseguidos e violentados, a parcela da população indesejada pelos que detêm o controle político-econômico da sociedade, estigmatizada pela noção de “outro”, abarca finalmente todos os que destoam do padrão estabelecido pela sociedade imperial branca patriarcal heteronormativa e os que são economicamente excluídos em uma lógica camuflada de “meritocracia” de manutenção de privilégios das elites financeiras.

Ailton Krenak denomina ironicamente essas pessoas como os “excluídos do pequeno clube da humanidade” (KRENAK, 2020). Frantz Fanon, se referindo aos negros escravizados, dá nome ao seu magnífico livro como *os condenados da terra* (FANON, 2022). É sobre essa

6 O lançamento aconteceu no Instituto de Antropologia da UFRR, em 04 de maio de 2023.

significativa parcela da humanidade que recai com maior força a violência do estado regido pela necropolítica. No entanto, mesmo os que poderiam ser considerados incluídos pelo sistema também sofrem as consequências dessa política. Nesse sentido, fica evidenciada a luta de classes, e todos aqueles que compõem a classe subjugada pelos detentores do poder político-econômico sofrem as consequências nefastas do sistema capitalista.

Os povos originários e os descendentes da diáspora africana que mantêm suas culturas - mesmo que dinâmicas e em constante transformação -, têm em seus rituais e nas relações comunitárias o acolhimento necessário para viver com alegria, apesar de tanta violência e sofrimento que lhes são causados. Os demais povos tradicionais, como ribeirinhos e extrativistas, entre outros, e as comunidades das periferias urbanas, acabam encontrando acolhimento na fé religiosa. Em alguns casos, conseguem apropriar-se dos elementos necessários, criando suas próprias versões das doutrinas disponíveis, de acordo com suas referências, visões de mundo e modos de vida. Mas, em sua maioria, acabam sendo vítimas de corporações empresariais que exploram o mercado da fé. Outrossim, os laços coletivos são bastante fortalecidos nesses contextos comunitários, em contraste com o individualismo extremo estimulado pela hegemonia cultural.

Entre a classe média, restam a religião, a família, o consumo e o trabalho, com esforços individuais pela ascensão social, seguindo os preceitos distorcidos da meritocracia cultuada e difundida pelas elites através dos meios de comunicação e do sistema educacional. Trata-se da fórmula identificada pelo filósofo italiano Antonio Gramsci como as estratégias de controle da hegemonia cultural (GRAMSCI, 2012).

No entanto, essa padronização dos comportamentos e acolhimentos superficiais tem se mostrado cada vez menos apta a lidar com os anseios e traumas do mundo contemporâneo. O uso intenso de fármacos e o abuso de substâncias como álcool e outras drogas vêm se intensificando ao mesmo tempo em que vemos crescer os índices de depressão, suicídio e

violências de todos os tipos.

Necropolítica, Pandemia, Traumas, Educação e Literatura

A pandemia evidenciou situações traumáticas entre todos os segmentos sociais. Apesar de incidir com mais intensidade entre as populações vulnerabilizadas, também deixou suas vítimas entre pessoas integrantes da classe média e das elites. Na ocasião, o pensador e líder indígena Ailton Krenak aproveitou a comoção das classes privilegiadas para fazer um paralelo com as epidemias enfrentadas pelos povos originários como consequência dos primeiros contatos. Em *ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak destaca ainda que o fim do mundo é vivido e superado inúmeras vezes pelos povos indígenas. (KRENAK, 2020)

Um grande desafio que ficou para a área da educação pós-pandemia, além do estudo da necropolítica estabelecida e das formas de combatê-la, é o acolhimento das crianças e dos adolescentes que vivem em uma sociedade imersa em traumas.

Ora, tais desafios os povos da floresta enfrentam desde que foram invadidos. As violências que sofrem são constantes, com ondas de ataques diretos mais aterrorizantes de tempos em tempos. A violência da necropolítica ocidental que os assola nunca cessou desde o primeiro contato.

No início do texto, citamos a biblioterapia - um método de terapia em grupo aplicada ao acolhimento de indivíduos traumatizados por meio da literatura (GALLIAN, 2017) -, e a filosofia clínica - prática terapêutica que busca nos pensadores clássicos saídas racionalizadas em busca de uma mente sã apesar do mundo doente (MARINOFF, 2001). Entretanto, as duas abordagens, se não forem colocadas em prática com uma perspectiva crítica, trabalharão apenas com indivíduos que dominem a linguagem escrita

ocidental, atuarão no bojo da sociedade em crise e, a priori, contribuirão para a acomodação dos sujeitos aos desafios cotidianos, elaborando estratégias individuais de conviver com as iniquidades estruturais, contribuindo para a naturalização das desigualdades e mazelas inerentes ao sistema e historicamente constituídas. A não ser que o indivíduo se estabeleça de uma forma alienada, descolada e apartada do coletivo e da vida em sociedade, concordamos com a filosofia indiana para quem não é sinal de saúde estar bem adaptado a uma sociedade doente.

Se a biblioterapia e a filosofia clínica trabalharem com a diversidade cultural cada vez mais presente no mercado editorial, teremos uma chance de que práticas terapêuticas ocidentais dialoguem com o perspectivismo ameríndio e se enriqueçam com suas epistemologias. Ao mesmo tempo em que os traumas forem acolhidos e elaborados com apoio comunitário, ganha-se a perspectiva crítica acerca da origem social dos traumas. É possível espelhar-nos na sabedoria ancestral para avançarmos no acolhimento social e no tratamento de situações traumáticas sem nos desviarmos de suas causas, e essas duas abordagens, que se utilizam da mediação de leituras como práticas terapêuticas, podem configurar a vanguarda dessa promissora prática terapêutica intercultural.

Linguagens e narrativas ancestrais na práxis literária indígena

Antes de abordarmos o ponto ao qual queremos chegar, será preciso mais algumas considerações. Em paralelo ao que Vigotsky define com relação à linguagem escrita, como um instrumento cultural complexo, aprofundado em referência à linguagem oral no desenvolvimento da cognição humana (VIGOTSKY,1998), as sociedades de tradição oral desenvolveram outras ferramentas e sistemas de representação simbólica que poderíamos comparar com tal função de aprimoramento cognitivo,

permitindo que esses povos também atinjam patamares, paralelos e similares, tão complexos e potentes quanto à linguagem escrita alfabética.

O campo de estudo das literaturas indígenas vem dedicando-se a aprofundar e compreender essa complexidade e diversidade de linguagens e tipologias textuais. Graça Graúna, escritora e crítica literária indígena Potiguara, define literatura indígena como o conjunto das obras de autoria indígena e questiona a forma como vinham classificando a oralidade e as demais expressões literárias dos povos originários:

A literatura indígena e sua crítica são fundamentais em a) afirmar e problematizar a cultura e os direitos indígenas e assim contribuir para a aplicação do processo da construção nacional multicultural; e b) retificar as distorções do discurso hegemônico cujos estereótipos definem os indígenas por meio de uma categoria de exotismo, primitivismo e ou/ desumanidade. (GRAÚNA, 2013, p 13.)

Essas literaturas são milenares e circulam pela oralidade, nos rituais, nos gestos, nas pinturas corporais e nas artes chamadas pela arqueologia de rupestres, nos cantos, nos trançados, nas formas esculpidas em barro, com mais de 200 obras, nos livros publicados por escritores (as) indígenas. Daniel Munduruku, com mais de 50 livros publicados, incluindo romances, crônicas, dentre outros gêneros, defende que o escritor indígena pode escrever o que ele quiser, não apenas sobre seu povo. Ele também reconhece os narradores indígenas como legítimos autores, mesmo antes dessa literatura aparecer no suporte da escrita alfabética.

A literatura escrita é uma coisa nova para esses povos. Eu particularmente concebo que toda manifestação cultural de um povo é literária. O grafismo é literatura, a dança é literatura. Porque não é parte da tradição indígena fazer essa separação toda que a sociedade ocidental faz. Dividir tudo em caixinha, definir o que

é uma coisa e o que é outra coisa. [...]. E aquilo que a gente aprende em nossa educação, de não separar nossos conhecimentos e saberes. Então o velho que a gente convida para o encontro dos escritores, que nunca escreveu uma linha, ele é tão escritor quanto eu que escrevo, e que não faço o que ele faz. É neste contexto que surge um pouco a minha compreensão de literatura (MUNDURUKU *apud* WERÁ 2017, p. 34).

Davi Kopenawa Yanomami também defende a força de sua literatura da voz, pontuando que ele não precisa escrever para evitar esquecer. “[...] Não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte.” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 75).

Há povos, como os Wapichana, que usam a mesma palavra, *saadkariwei*, para significar escrita e desenho. Portanto, há relações diversas entre corpos, grafias e rituais que revelam múltiplas possibilidades de coexistência entre mundos.

As literaturas indígenas têm suas especificidades, e algumas de suas características podem ser compreendidas com base no perspectivismo ameríndio proposto por Viveiros de Castro (2004), como indicam Marília Librandi (2012) e Adriane Bolite Frant (2018):

O perspectivismo ameríndio pode ser compreendido como uma proposta conceitual produtiva para pensar uma antropologia da arte e uma teoria literária simétrica, pois através dessa abordagem é possível produzir uma torção desses conceitos em uma tentativa de descolonização do pensamento. Trata-se, portanto, de buscar pensar e produzir uma teoria literária ameríndia, para a qual Librandi-Rocha chama atenção já no título de seu texto. (FRANT, 2018, p. 332).

A metamorfose e a confluência de mundos são fortes e presentes nas literaturas indígenas. E há o que por aproximação podemos chamar de encantamento, permitindo que objetos, animais e plantas também possam ser pessoas. Os rituais, narrativas e grafismos indígenas, no caso aqui *Sateré Mawé*, são pontes entre mundos que redimensionam a existência.

As inscrições do *puratig sa'awy* e o *sehaupóri*⁷

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 176)

O *puratig sa'awy*, ou simplesmente *porantim*, é um artefato sagrado do povo *Sateré Mawé*, em que, além de seus poderes de influência direta na realidade, possui inscrições que remetem à representação literária, com linguagem original e complexa. Com os seus elaborados grafismos, os *Sateré* iniciados leem e interpretam seus significados utilizando técnicas interpretativas passadas entre gerações. As histórias que em seu conjunto formam o *sehay pot'i* (livro sagrado) apresentam narrativas em linguagem metafórica, de interpretação extremamente difícil, só acessível aos iniciados.

Esse caráter linguístico que extrapola os sentidos estruturais rígidos da linguagem, segundo o semiólogo Roland Barthes, é o elemento fundamental que caracteriza uma obra literária e a destaca das narrativas comuns do uso cotidiano da linguagem. (BARTHES, 1978)

O *porantim* é um artefato sagrado dos *Sateré Mawé*, em formato de

⁷ As descrições dos rituais apresentadas no artigo foram elaboradas a partir das vivências e conhecimentos de um dos autores, indígena *Sateré Mawé*, com complementos coletados pelo primeiro autor deste artigo em pesquisa de campo na Terra Indígena Andirá Marau, entre julho de 2022 e junho de 2023.

remo. É onde está registrada toda a história desse povo, do bem e do mal. De um lado do remo, estão inscritas somente as boas histórias e, do outro, as histórias de guerras travadas com os maus espíritos, com os inimigos ancestrais e com os invasores brancos.

Na Terra Indígena Andirá-Marau, atualmente, existem três *porantins*, um no rio Andirá no município de Barreirinha, outro no rio Marau e o terceiro no Rio Manjuru, ambos no município de Maués.

O *porantim* original foi levado para Portugal no período da invasão e devido aos seus poderes, foi amaldiçoado pelos pajés durante o roubo. Questionados sobre a possibilidade de negociações com o governo português, a fim de restituir o artefato a seu povo, os atuais líderes, tuxauas e pajés rapidamente rejeitam a possibilidade. Dizem que, desde que o artefato foi usurpado e amaldiçoado, gera desarmonia e conflitos para o povo que estiver em sua posse. Indicam que as guerras e todas as mazelas sofridas pelos povos da Europa têm influência direta do fato do *porantim* amaldiçoado estar em seu território.

O ritual do *Wará*

O perspectivismo ameríndio, antes de ser um objeto possível para uma teoria extrínseca a ele [...] convida-nos a construir outras imagens teóricas (e práticas) da teoria (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 71).

Wará é a principal divindade dos *Sateré Mawé* e é incorporada no *waranã*, o fruto do guaraná. O bastão de *waranã* é moldado com a massa obtida pela moagem dos grãos torrados em um pilão ritual. Após o tempo decorrido de trinta dias em defumação, o bastão está pronto para o consumo. No ritual do *Wará*, conhecido como o “princípio da sabedoria”, uma mulher assume a função do preparo da bebida sagrada. Um pedaço do bastão é ralado pelo atrito com uma pedra especial em uma cuia com água. Durante esse procedimento de transformação do bastão na bebida

sagrada, as palavras e as intenções de todos os presentes serão incorporadas no líquido. Ao relatar o procedimento, os *Sateré* comumente se referem à pedra como uma “impressora” que materializa as palavras que depois serão “lidas” pelos participantes. Mas a leitura é transcendental. Ao ingerir a bebida, a pessoa passa a ser o receptáculo de tudo o que foi dito e de todas as intenções dos presentes. Cada participante também deve escolher suas palavras e seus sentimentos com bastante cautela e responsabilidade, pois o processo de conversão só se encerra quando o ritual chega ao fim.

As referências literárias estão presentes em cada detalhe e podem seguir nas reflexões acerca de alguns aspectos. Por exemplo, a impressionante desenvoltura com que cada um realiza sua fala durante o ritual, após a ingestão da bebida, poderia ser comparada à capacidade de argumentação desenvolvida por grandes leitores, que terão tanto seu vocabulário quanto seu imaginário substancialmente ampliados.

Ritual da tucandeira

Superados os alinhamentos e reflexões introdutórias, talvez agora possamos abordar mais diretamente o tema que nos inspirou a escrita do presente artigo. Na pré-estreia do filme de Marcos Colón, “Pisando suavemente na Terra”, de 2022, que aconteceu em Belém-PA durante o X Fórum Social PanAmazônico, entre os dias 28 a 31 de julho de 2022, o pensador Ailton Krenak estava no palco com a equipe do filme e os atores. A narrativa mostra o impacto de grandes obras nos territórios de povos indígenas e comunidades tradicionais, com consequências profundas e desoladoras para os povos, frequentemente submetidos a inúmeras violências durante o processo. Como de costume, o grande escritor do povo Krenak - que sofreu inúmeras perdas com o rompimento da barragem de Mariana, em Minas Gerais, que liberou dejetos e contaminantes nas águas do rio Doce, conhecido como *Watu*, assassinando essa ancestral entidade, vital

para a cultura de seu povo -, utilizou sua incrível capacidade de percepção com a qual elabora suas intervenções para proferir um discurso profundo e encantador. O filme é belíssimo e inspirador, mas retrata a destruição. Apesar do encantamento e da poética da película, o clima estava pesado. Krenak então perguntou ao público se alguém sabia, ou intuía, o porquê dos povos originários dessa terra, mesmo com toda violência, massacres e genocídio que seguiram à invasão europeia, mesmo sem perspectivas de saírem vencedores dessa guerra desleal e desproporcional, mesmo com tudo isso, resistiram e ainda resistem, chegando a reverter a queda populacional em meados dos anos 1980 para uma recuperação sensível, mas muito significativa. Como pode? Como conseguiram e conseguem manter-se em luta, fortes, resistentes e resilientes?

Após alguns instantes, o grande pensador, filósofo e escritor arremata: “Porque, apesar de tudo, nunca deixamos de viver com alegria!” Talvez pelo fato de o público estar precisando de um aval para extravasar suas emoções, Krenak foi novamente ovacionado. Entre palmas, gritos e lágrimas, os presentes saíram ao final do evento, no mínimo, intrigados. Mas como? Como manter a alegria diante de tanta violência, tanta injustiça e crueldade? Tantas doenças, perdas e lutos? Tantas mortes e traumas? Tanto sofrimento que poderia ser evitado, causado pela estupidez de uma sociedade que se acha no direito de impor sua lógica destrutiva sobre povos e territórios, gera, no mínimo, profunda indignação e raiva, e, com o tempo, diante de sucessivas derrotas, a depressão e a apatia seriam até esperadas. Mas esses sentimentos derrotistas não estão presentes entre esses povos, e, ao contrário, eles, mesmo em condições adversas, conseguem viver com alegria. Como pode ser possível?

Arriscaremos aqui o esboço de algumas respostas possíveis. A primeira e mais óbvia é que talvez a organização social desses povos seja muito mais rica e complexa do que queremos ou podemos admitir. Não se trata simplesmente de reconhecer sua humanidade e simpatizar com seu

modo de vida - o que já seria um grande ganho, nem de reconhecer que estrategicamente eles são os melhores protetores dos territórios naturais ainda preservados no planeta, o que são incontestavelmente. Estamos diante de um desafio muito mais profundo e menos aparente: reconhecer que, de fato, esses povos detêm muito mais sabedoria do que podemos apreciar, ouvir e entender até agora. Reconhecer que seus conhecimentos e práticas vão muito além do que uma romântica simbiose com mundo natural. Reconhecer que podemos aprender muito e que, talvez, eles nos possam ajudar a superar a grave crise civilizatória em que nos encontramos. Reconhecer que a civilização que quase os exterminou precisa agora de sua ajuda para que não termine, ela mesma, extinta.

A segunda tem a ver com o que o sociólogo venezuelano Otto Maduro chama de “elaboração de mapas para a festa”, quando reflete acerca da busca pelo conhecimento:

Assim, se a vida humana é - entre outras coisas - uma busca constante de motivos para a festa, e se os obstáculos dolorosos à vida estão entre os principais estímulos do esforço humano para pensar, conhecer, compreender e transformar a realidade circundante, então poderíamos imaginar o conhecimento humano como uma tentativa de elaborar/esboçar “mapas para a festa”, uma espécie de roteiros para tentar achar e abrir caminhos que nos levem de volta à vida feliz, a uma vida que mereça e facilite ser freqüentemente festejada com alegria, prazer e gosto (MADURO, 1994, p. 13).

A sociedade ocidental, com seu ímpeto narcisista, tem procurado a alegria e o fim do sofrimento na busca desmedida por prazer e satisfação pessoal, facilmente direcionada para o consumo exacerbado. Mais ainda, a psicanálise e a psiquiatria, apesar de potencialmente transformadoras, são utilizadas como ferramentas para adequação e apaziguamento, regulação e ajuste do indivíduo à sociedade e suas mazelas. O resultado é a

naturalização, a invisibilização e o conseqüente agravamento das causas das crises a que os indivíduos são constantemente submetidos. Os sofrimentos são muito mais sociais que individuais. Algo como Josué de Castro ilustrou em sua famosa frase que afirma ser a fome uma manifestação biológica de um problema social (CASTRO, 2022).

Já entre os povos indígenas, o sofrimento limitado ao tempo e espaço do rito, permite que em outros momentos e lugares a alegria aconteça. Ao mesmo tempo em que o indígena não nega a difícil realidade de sofrimento, mantém a memória viva sobre as violências sofridas e ensina como seguir a vida após uma experiência traumática. Trata-se de um mapa coletivo para a manutenção da alegria sem ludibriar os sentidos quanto às importantes situações que precisam ser encaradas com firmeza por todos.

Logo, iremos à descrição mais detalhada do *Waumat*, o ritual da tucandeira, com o qual pretendemos ilustrar alguns desses argumentos. Interessa destacar como o ritual, ao trazer elementos da história das violências sofridas pelo povo em uma metodologia narrativa específica e momento de dor profunda, contribui para:

1) uma pedagogia específica – em que o educando incorpora os elementos da narrativa histórica em outro patamar, bem diferente de como se estuda história na escola ocidental.

2) a compreensão das narrativas rituais como literaturas que transmitem o conteúdo dos conhecimentos a seus interlocutores;

3) contribui para um tipo de aprendizado sobre como conviver com a dor e o sofrimento, com situações potencialmente traumáticas que, com a prática do ritual, podem ser melhor assimiladas e isoladas nos períodos de luto e rituais fúnebres, liberando o indivíduo e o coletivo a viver com alegria, apesar dos sofrimentos que lhes são constantemente impostos. “Rituais são processos de incorporação, encenações do corpo. Os regimes válidos e os valores de uma comunidade são experienciados corporalmente e sedimentados.” (BYUNG-CHUL, 2021, p. 24)

Passemos então, enfim, a uma breve descrição: o ritual da Tucandeira, denominado *Waumat* na língua do povo *Sateré Mawé*, é um rito de passagem do menino para a vida adulta, feito somente para os homens, porque as formigas tucandeiras são mulheres/deusas que abençoam os jovens que passam pelo ritual. O jovem deve ser ferrado no mínimo 20 vezes e, passando disso, somente a tucandeira vai poder dizer espiritualmente quando o indígena vai parar de ser ferrado, e o jovem sente quando a mão incha demais, sangra e surgem outros sintomas.

Durante o ritual, enquanto o jovem assimila a intensa dor causada pelas inúmeras picadas das formigas, o pajé e os anciãos entoam cânticos com as narrativas inscritas no *porantim*. Relatos sobre a origem do mundo, das pessoas, das plantas e de todos os seres são cantados em blocos, que reúnem histórias similares e separam as boas das más. Um momento de destaque é quando são narradas as memórias das lutas, com ênfase à guerra da Cabanagem. Os acontecimentos vitoriosos são exaltados em celebração, deixando as perdas e derrotas para serem cantadas em momento de profunda dor e lamento.

Os que passaram pelo *Waumat* confidenciam que a intensidade da dor precisa ser controlada pela mente. Um artifício é lembrar que logo o pior passará e ficará na memória como um grande momento de aprendizado, a ser relatado como um ato heroico de superação. Qualquer semelhança com os sofrimentos reais da vida não é mero acaso. O ritual está preparando os jovens a enfrentar seus piores momentos com bravura e sem atalhos. Assim como as violências sofridas, narradas durante os momentos de intensa dor, são lembradas regularmente nas diversas edições do ritual, marcando a consciência crítica da história que se vai formando no inconsciente coletivo.

Outra estratégia para lidar com o sofrimento é a referência às narrativas ancestrais, sempre ressaltadas pelos sábios e anciões. Dizem que, na verdade, o que sentem com as ferroadas não é dor, mas cócegas provocadas pelas deidades do panteão dos *Sateré Mawé*. As formigas são

representações das deusas e suas picadas, o contato com o divino. Cada ferroada seria uma benção para se tornar um bom homem, um bom marido, um bom caçador, um bom tuxaua, um bom líder, um bom pescador, um bom guerreiro respeitado por seus pares.

O *Waumat* é um ritual potente que representa uma prática pedagógica e terapêutica, que, em nossa perspectiva, demonstra como uma sociedade que vive sob o peso do terror do Estado desenvolve estratégias eficazes para lidar com traumas a partir de narrativas.

Para trazer mais um exemplo, acerca de outro povo, remetemo-nos ao belo livro de Hannah Limulja, *O desejo dos outros* (2018), em que, descrevendo sua pesquisa sobre o papel dos sonhos para os Yanomami, revela-nos algumas preciosidades. Segundo relatos por ela registrados, os indivíduos dessa etnia têm o momento do entardecer como reservado para o sofrimento, seja de saudade, luto ou seja qualquer outro. Assim, mesmo diante de uma perda recente, permite-se passar o dia alegremente, reservando as lamentações para o final da tarde, quando o dia encontra a noite e o mundo dos vivos se aproxima do universo invisível onde também se encontram os mortos. “A tristeza, assim como a saudade, são sentimentos que tomam conta do pensamento yanomami apenas quando o dia acaba” (LIMULJA, 2022, p. 98).

Os rituais e as histórias, referidos brevemente, contribuem para o reencantamento do mundo. Assim, esse tipo de vida e de mundo é perpetuado e transformado pelos corpos, vozes e escritas ancestrais *Sateré Mawé* e outros povos na contemporaneidade.

Resistir com alegria

Os rituais com incidência de dor e sofrimento não são simplesmente

realizados para mostrar a bravura idílica do povo guerreiro que mantém a compostura apesar de decadente. Essa leitura, comum entre antropólogos não indígenas, é extremamente rasa e míope, para não dizer preconceituosa. Tais rituais têm funções muito mais sérias, profundas e estratégicas, mas, para acessá-las, precisamos estar dispostos a reconhecer a alteridade, no sentido decolonial do perspectivismo ameríndio. Trabalhar em coautoria com indígenas também é uma possibilidade interessante.

Submetidos a violências constantes, os povos originários desenvolveram estratégias eficazes para lidar com as frequentes situações traumáticas. Sem minimizar o sofrimento nem fugir da dor, realizam rituais que, ao contrário, permitem o sofrimento, muitas vezes até infringindo a dor, como no caso do ritual da tucandeira, a fim de delimitar o tempo e o espaço do sofrimento, estimulando que a alegria do viver aconteça em todos os outros momentos.

A maioria da população vive submetida a iniquidades e violências abissais e são estimuladas, ou condicionadas, a disfarçar a dor, a negar o sofrimento, seja com a promessa da redenção pós-morte, seja com o uso de medicamentos, álcool e outras drogas, seja com elaboradas técnicas terapêuticas que auxiliam as classes mais favorecidas a conviver em um mundo desigual sem se considerar parte do problema ou da solução possível.

O “mal estar da civilização” está arraigado no modo de vida dessa sociedade. Diante de um mundo governado pela lógica perversa e cruel da necropolítica, é fundamental que saibamos como lidar com os traumas sem nos alienarmos de suas causas. É preciso resistir, mas não de qualquer jeito: é preciso resistir com alegria!

E se precisamos nos curar para que possamos atingir nossa máxima potência de vida e assim conseguirmos adiar o fim do mundo, podemos aprender muito com os indígenas. Não é à toa que hoje vivemos uma onda salutar de interesse pelo que têm a dizer os grandes pensadores,

que vêm conquistando cada vez mais espaço no mercado literário, nas salas de cinema, na internet, nos palcos de teatro, nas artes plásticas e em importantes encontros internacionais. É chegada a hora de ouvirmos com atenção o que têm a nos dizer as vozes da floresta!

Referências

ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

BARTHES, Roland. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 1978.

BYUNG-CHUL, Han. *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. *Modo de vida imperial: Sobre a exploração dos seres humanos e da natureza no capitalismo global*. São Paulo: Elefante, 2021.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. São Paulo: Todavia, 2022.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *Conflitos no Campo*. cptnacional.org, 2023. Disponível em <<https://www.cptnacional.org.br/loja-virtual/conflitos-no-campo/>> Acesso em: 04 maio 2023.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-76)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANT, Adriana Bolite. O povo que falta, nós já tínhamos: sobre escrita e perspectivismo. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 53, p.

329-341, jan./abr. 2018.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. [S. l.]: FBSP, 2020. Disponível em <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/074-as-mortes-decorrentes-de-intervencao-policial-no-brasil-em-2020.pdf>> Acesso em: 04 maio 2023.

GALLIAN, Dante. *A Literatura como remédio*. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. v. 3

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml> acesso em 04/04/2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Cia Das Letras, 2020.

LIBRANDI, Marília. Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia. *O Eixo e a Roda Revista de Literatura Brasileira*, v. 21, n. 2, p. 179-202, dez. 2012.

LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu, 2018.

MADURO, Otto. *Mapas para a festa: Reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARINOFF, Lou. *Mais Platão, menos Prozac: A filosofia aplicada ao*

cotidiano. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1, 2018.

OLIVEIRA, Juliana. Brasil chega a marca de 700 mil mortes por COVID-19. gov.br, 28 mar. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 04 abr. 2023.

OXFAM. Lucrando com a dor: novo relatório mostra como bilionários lucraram durante a pandemia às custas de milhões. Oxfam Brasil, 22 maio 2022. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/lucrando-com-a-dor-novo-relatorio-mostra-como-bilionarios-lucraram-durante-a-pandemia-as-custas-de-milhoes/#:~:text=Acabar%20com%20o%20lucro%20sobre,poderia%20gerar%20US%24%20104%20bilh%C3%B5es>. Acesso em: 23 maio 2022.

PALAVRASmatamcomobalas. [S.l.:s.n.], 2022. 1 vídeo (2min22s). Publicado pelo canal Estação Agreste. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=riHOziEjjQ4&ab_channel=Esta%C3%A7%C3%A3oAgreste> Acesso em: 23 maio 2022.

RELEMBRE frases de Bolsonaro sobre a COVID-19. BBC News Brasil, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>. Acesso em: 03 fev. 2023.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Ubu, N-1, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 18, p. 225-254, set. 2004. Disponível em: <https://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/oqnfpa/article/view/197>. Acesso em: 23 maio 2022.

WERÁ, Kaká; COHN, Sergio (Orgs). *Daniel Munduruku*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017. (Coleção Tembetá).

Between caravels and pandemics: the potency of ritual pedagogy and traditional narratives in the disenchanting world of necropolitics

Abstract: The reflections presented in this article propose a look at the ritual as a pedagogical method and literary narrative, undertaken by indigenous peoples in quite complex perspectives, among them, as practices that help these peoples to live with the situations of violence to which they are subjected from the first contact. And in a world dominated by the logic of necropolitics, where violence and death are part of government strategies, it is no longer just the “outsiders” who suffer the consequences. The anguish and depression that affect populations in a very generalized way are channeled towards consumption and alienation from the structural causes of our civilization in crisis. We can learn from our relatives how to deal with traumatic situations without avoiding their causes and thus get involved to collectively solve the great contemporary challenges.

Keywords: Literary narratives. Education. Indian people. Ritual pedagogy.